

Carta de julho de 2018

Do Início ao Final do Tempo

1º de julho de 2018

Queridos leitores,

Shubh mês de Gurupurnima!

Você já parou para pensar em como é incrível que a Lua orbite em torno da Terra? Não há nada visivelmente ligando a Lua a este planeta, nenhum fio ou cabo que possa ser visto unindo um ao outro. Mesmo assim, a natureza, as leis deste universo e a força gravitacional ilustram que *há* sim uma conexão, invisível mas poderosa. E o impacto desta conexão é enorme. O oceano se eleva e recua novamente de acordo com a Lua.

O que é tão fascinante – e instrutivo – a respeito deste exemplo é que, mesmo que não haja nenhum anúncio claro, nenhum outro sinal além do fluxo e refluxo das marés, a conexão entre a Lua e a Terra está sempre presente. Esse vai-e-vem, esse dar e receber, essa influência e reconhecimento mútuos estão sempre acontecendo, quer os seres humanos deste planeta estejam ou não conscientes disso. Existe um entendimento de algum tipo entre os corpos celestes, uma alegre aquiescência com relação à ordem natural das coisas.

Como seres humanos, é claro, temos nossa própria necessidade premente de conexão. Procurar por uma conexão e nos enraizar naquele elo *particular* que é mais verdadeiro e inato para nós é uma tendência própria do nosso ser. Pode não ser a atração da gravidade que constantemente nos chama nessa direção; entretanto, certamente há uma força impulsionadora, e eu diria que é até mais potente, até mais poderosa que aquelas forças que

determinam nossas circunstâncias externas. A questão é: será que vamos atender a esta demanda, esta diretiva de nossos corações?

Vou compartilhar uma história com vocês. No início deste verão, Gurumayi estava de pé no Lobby de Baixo do Anugraha e junto com ela havia um papagaio africano cinza. Este papagaio veio ter com Gurumayi pela primeira vez em 1991, quando ele tinha apenas cinco meses de idade e suas penas mal começavam a se desenvolver. Ele viveu no Ashram por muitos anos; agora vive na Flórida com seu cuidador e visita o Shree Muktananda Ashram uma vez por ano.

Então, nessa ocasião, o papagaio estava visitando o Ashram e Gurumayi o observava no Lobby de Baixo e ouvia enquanto ele produzia belos sons do tipo que apenas os africanos cinzas conseguem fazer – assobios cadenciados, arrulhos arrebatadores. De vez em quando alguns sevitas entravam no Lobby, se aproximavam para cumprimentar Gurumayi e observar o papagaio. O fluxo de interação era muito doce, muito pacífico.

Em determinado momento, Gurumayi olhou na direção das escadas que levavam ao Lobby Superior. Uma sevita visitante, que Gurumayi não encontrava havia algum tempo, vinha daquela direção. Era uma oportunidade maravilhosa porque, naquele momento, a sevita também poderia se aproximar para ter o *darshan* de Gurumayi – e, é claro, ver o pássaro. Gurumayi estava *prestes* a chamá-la quando, de repente, a sevita desceu correndo as escadas, virou-se na direção da porta e saiu correndo, num piscar de olhos.

“Naquele momento ‘pause e se conecte’ não foi seguido”, Gurumayi disse mais tarde, quando comentou comigo sobre o incidente. “Sempre há uma oportunidade para pausar e se conectar”.

Este ensinamento “Pause e se conecte” faz parte da Mensagem de Gurumayi para este ano e é parte integrante da resolução que Gurumayi

nos convidou a fazer em 2018. É assim que criamos o nosso próprio *satsang*, a qualquer hora e em qualquer lugar. Fazemos *uma pausa*; paramos por um momento para nos afastarmos de nossa tagarelice mental, das narrativas incessantes com que gostamos de nos envolver em nossa mente, das emoções que nos enredam e serpenteiam pelo seu caminho através de nós e comandam nossa atenção mais do que gostaríamos, e fazemos o esforço de estar presentes. Nos *conectamos*; nos engajamos com aquilo que está diante e dentro de nós, com aquele vasto reservatório de graça que está prestes a aflorar e inundar nosso caminho.

“Pause e se conecte” é um ensinamento tão apropriado para se praticar e refletir mais longamente durante este mês de Gurupurnima. Conexão foi o que estimulou o surgimento desta celebração – a conexão entre Guru e discípulo, a conexão entre o buscador e aquele que personifica e transmite o conhecimento da Verdade. Em gratidão por essa conexão, os discípulos do grande sábio Veda Vyasa desejaram honrar o seu Guru, reverenciá-lo, prestar-lhe uma homenagem. Assim, este dia – a lua cheia do mês de Ashadha, a mais perfeita e brilhante lua cheia do ano – foi dedicado a este propósito. (Você pode ler a história completa sobre a origem de Gurupurnima aqui.)

No dia de Gurupurnima e nos dias e semanas que o antecedem, eu os incentivo a explorar a natureza de sua relação com o Guru. Ao fazer isso, entenda que tal exploração requer um comprometimento continuado. Você não pausa e se conecta apenas uma vez. *Continua* fazendo pausas, *continua* se conectando, continua adentrando mais e mais em seu próprio coração. Pois a conexão sobre a qual estamos falando é tudo menos estática; está em movimento, é pulsante e infinitamente variada e cheia de nuances. É um domínio pleno em si mesmo.

E esse domínio é como a extensão do cosmo entre a Lua e a Terra. Não existe “meu” ou “seu” neste caso. Existe pertencimento, mas não posse, amor sem condição. Existe dever, sim, e disciplina, mas não como

obrigações forçadas. Neste espaço de conexão, o desejo de dar surge tão naturalmente como o recuo ascendente da maré no oceano, a forma como ele transborda em sua plenitude. E receber é da mesma forma instintivo – o suave recuo da água à medida que abre espaço para a praia.

Este ano, a Lua de Gurupurnima atingirá sua plenitude no dia 27 de julho. Esta *também* é a data da próxima eclipse total da Lua. Será a mais longa eclipse lunar do século XXI, começando à 1 hora e 43 minutos, e será visível na Índia e em toda a Ásia, no Oriente Médio, África, Europa e América do Sul.

O eclipse junto com Gurupurnima é uma confluência fascinante de eventos. Pois uma coisa é certa, será um momento muito auspicioso e oportuno para práticas espirituais. Também gosto de pensar que existe alguma relevância simbólica para descobrirmos neste fenômeno astronômico, da ideia de que mesmo que nem sempre a percebamos com nossos sentidos voltados para fora, a Lua está lá, *bem ali*, em toda a sua glória.

Há muitas maneiras de se tirar o melhor proveito deste dia e mês sagrados, de observar Gurupurnima de uma maneira apropriada. Com certeza, podemos “Pausar e conectar” e fazer isso novamente e muitas outras vezes mais. E podemos oferecer *dakshina*. Esta é, e tem sido desde tempos imemoriais, a prática tradicional de Gurupurnima.

O fato de termos a oportunidade de praticar *dakshina* diz tudo sobre a compaixão do Guru. Pois, se você pensar a respeito, é realmente impossível quantificar a gratidão ao Guru, retribuir na mesma medida – ou em alguma medida remotamente próxima à mesma medida – aquilo que você continua a receber. Ainda assim, por meio do oferecimento de *dakshina*,

you have the opportunity to do *alguma coisa*. You have an extension palpável para expressar seu apreço.

E uma certa alquimia *de fato* acontece quando you oferece *dakshina*, quando you doa parte daquilo que tem e coloca sua oferenda aos pés do Guru. At the beginning you maybe even didn't perceive. But, with time, as the muscle that strengthens your donor, you feel it, you immerse and you become one with your constant rhythm. It is the cycle of giving and receiving. It is a dynamic connection, the interaction of the cosmos in your own heart.

I invite you to read the beautiful invitation from Swami Ishwarananda to offer *dakshina* in honor of Gurupurnima, an offering that you can do here too, on the site of the path of Siddha Yoga.

The site will support your observance of Gurupurnima also in other ways, throughout the month of July. For example, there will be an article that will give more information about the Guru-disciple relationship. And also stories related to Gurupurnima: the classic story of Amir Khusro and his Guru, Nizamuddin, and the story of Satyakama Jabala extracted from the *Chandogya Upanishad*. And on the day of Gurupurnima, you will be able to read a lecture from a student of Siddha Yoga and have the *darshan*, through video, of the full moon over Shree Muktananda Ashram. And besides all this, you will be able to explore with greater depth the virtue that Gurumayi offered on the day of her anniversary this year: you will be able to read a commentary on *karmanyatā*.

Kabir, the great saint poet of the 15th century of Varanasi, India, once wrote a *bhajan*:

Do início ao final do tempo, há uma conexão entre you and eu. Neste amor, como pode haver qualquer distância, qualquer ruptura?¹

Estas são palavras profundas para levarmos conosco durante o mês de Gurupurnima. Afinal de contas, o que é que se quer dizer com conexão? Qual é a experiência que estamos acessando, o poder que flui através da ligação com o Guru e que a torna inquebrantável? *Lagan*, disse Kabir Sahib — *amor*. E este é o tipo de amor que é despertado nas profundezas de nossa alma, como uma lenta agitação de água pelo fundo do oceano. O tipo de amor que é artisticamente ornamentado com saudade, perceptível naqueles momentos em que parece que nosso coração não tem outra alternativa a não ser saltar para fora do peito. Pois algo dentro de nós sabe: existe um Coração grandioso do qual somos parte, uma extensão de lua e estrelas que se estende por toda eternidade

Afetuosamente,

Eesha Sardesai

¹ Versão em inglês © 2018 SYDA Foundation.



© 2018 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.